

A AMAZÔNIA DE ARTHUR CÉZAR FERREIRA REIS: AUTÓPSIA DE UMA ESFINGE DOCILIZADA

THE AMAZON OF ARTHUR CÉZAR FERREIRA REIS: AUTOPSY
OF A DOCILE SPHINX

DANTAS, Hélio. *Arthur Cézar Ferreira Reis: trajetória intelectual e escrita da história.* Jundiaí: Paco, 2014, 152 p.

VINICIUS ALVES DO AMARAL*

Investigar as estratégias que levaram o historiador amazonense Arthur Cézar Ferreira Reis a adquirir o *status* de representante legítimo do conhecimento histórico e político regional é um dos objetivos de Hélio Dantas, professor da Universidade Nilton Lins, em seu livro *Arthur Cézar Ferreira Reis: trajetória intelectual e escrita da história*.

Versão modificada de sua dissertação de mestrado na Universidade Federal do Amazonas, a publicação é estruturada de forma a adotar uma narrativa não compartimentada, intercalando análises da trajetória do autor e da sua produção ao longo de seus três capítulos.

A preocupação em se afastar de conceitos anacrônicos, como ‘vocação’, por exemplo, fica visível na escolha da noção de ‘trajetória’ tal como foi concebida por Pierre Bourdieu, ou seja, como uma série de posições sociais ocupadas no decorrer da existência de um indivíduo. Noção esta que evidentemente norteia o primeiro capítulo, intitulado “Reconstituição da trajetória intelectual”.

Resenha recebida em 01 de março de 2016

*Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF) e professor da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ). (E-mail: viniciuscarqueija@gmail.com).

Nascido em Manaus em 1906, Arthur Reis possuía vínculos familiares nada desprezíveis que abriram oportunidades de trabalho na imprensa e no funcionalismo público (seu pai, Vicente Torres Reis da Silva, era proprietário do Jornal do Comércio, grande título da imprensa manauara, e seu avô era o seringalista coronel Cosme Ferreira). Com o apoio moral e financeiro da família, Reis bacharelou-se na prestigiada Faculdade de Direito do Rio de Janeiro em 1927.

No entanto, o jovem bacharel comprometeu-se inicialmente a sistematizar o conhecimento histórico sobre seu Estado numa narrativa de teor cívico. O resultado foi o livro *História do Amazonas* (1931). Dantas aponta *A política de Portugal no Vale Amazônico* (1947) como um importante divisor de águas, pois nele o historiador amplia seu foco de análise para a região amazônica como um todo, se aproximando cada vez mais das considerações de Gilberto Freyre.

No entanto, se o segundo capítulo, “A escrita da história de Arthur Reis – tentativa de interpretação”, ocupa-se das primeiras investidas do jovem bacharel na seara historiográfica, o terceiro, “A escrita da história de Arthur Reis – lusofilia e desenvolvimentismo”, concentra-se melhor na mudança de tom da obra do historiador amazonense.

A partir da década de 1940, um ponto torna-se constante em sua produção. Trata-se da lusofilia, a valorização da contribuição portuguesa para o desenvolvimento da Amazônia. Aspecto este que está intrinsecamente relacionado com a condição desfavorável que a região vinha enfrentando desde o ocaso da economia da borracha, a partir de 1910. As sucessivas tentativas de reerguer financeiramente os estados do Amazonas e Pará esbarravam em entraves administrativos como a falta de repasse de verbas. Reis apresentava, então, as estratégias de dominação dos colonizadores como perfeito contraponto a tais medidas.

Para o historiador, o esforço da Coroa portuguesa foi exemplar, pois aliava a compreensão das especificidades do meio hostil com a formulação de políticas realistas. A defesa do binômio ‘conhecimento e ação’ está presente tanto na vasta bibliografia de Arthur Reis quanto em suas atitudes à frente de órgãos públicos, como a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia e o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.

Embora Reis tenha escrito regularmente quase até o fim de sua vida, em 1993, o escrutínio de Dantas se concentra nos livros, artigos e opúsculos publicados entre 1920 e

1960. Infere-se que a razão por trás de tal baliza temporal seja a construção e manutenção do prestígio do historiador como solitário “decodificador” da Amazônia para os demais brasileiros.

Depois desse período ele perdeu tal “monopólio” para uma geração de cientistas sociais filiados ao marxismo (como Octávio Ianni e Fernando Henrique Cardoso), que passou a interpretar os conflitos sociais amazônicos sob o prisma do desenvolvimento do capitalismo internacional. A constituição de uma historiografia acadêmica amazonense passou pela rejeição às premissas de Reis, destituindo-o da autoridade e prestígio que cultivava até os anos de 1960.

Apenas recentemente a produção do historiador começou a ser revisitada. Nesse sentido, Dantas destaca-se dos demais nomes que se devotaram a tal empreitada (como Alexandre Pacheco, Lademe Correia Souza e Sidney Lobato da Silva) por discutir dois conceitos cruciais ao pensamento social regional: as ideias de ‘obra’ e de ‘Amazônia’.

Costumeiramente, o termo ‘obra’ é utilizado e compreendido como um sinônimo para ‘livro’. Amparando-se no casamento teórico entre o pensamento de Bourdieu e Michel Foucault promovido pelo antropólogo Luiz Castro Faria, Hélio Dantas propõe que se contemple a variada gama de fontes criadas por Arthur Reis ao longo de mais de três décadas de exercício intelectual. No entanto, a problematização da produção e veiculação desse material só alcança alguns artigos (posteriormente reunidos em livros) e conferências.

Quanto ao tópico seguinte, Hélio Dantas argumenta no epílogo “A emergência da Amazônia como um objeto de saber” que “para dar conta da historicidade do conceito Amazônia, parte-se do pressuposto teórico de que aquilo que entendemos como ‘real’ ou ‘realidade’ é construído socialmente através da representação”. Alvo de críticas ao longo das últimas décadas do século XX, o entendimento das potencialidades da malha discursiva, defendido por pensadores que foram taxados como “pós-modernos”, torna-se essencial para o autor para compreender o lugar da interpretação de Arthur Reis no contexto mais amplo do saber. E aqui Dantas consegue não só desenvolver uma discussão muito bem delimitada, como provocadora.

Apreender conceitualmente a Amazônia consagrou-se como empreendimento extremamente desafiador, dadas as dimensões da região e a variedade de saberes necessários para contemplá-la. Ainda assim, muitos tentaram realizar tal feito, destacando-se o escritor paulista Euclides da Cunha e, mais recentemente, o intelectual

acreano Djalma Batista. Arthur Reis é inserido nesse rol por Hélio Dantas por oferecer uma compreensão histórica da formação amazônica orientada para servir a uma política econômica. A Amazônia representada por Reis é a crônica da vitória do colonizador sobre a natureza hostil dos trópicos, e ainda aponta para a possibilidade e a necessidade de que tal feito se repita.

Ao contrário do que possa parecer, Dantas não está empenhado em vingar Arthur Reis, restituindo a ele o manto de único e merecido “decodificador” da Amazônia. Sua proposta no interessante epílogo que enfeixa tal discussão sobre o lugar de Reis é justamente questionar uma tradição que vem sendo reproduzida no interior das Ciências Sociais regionais, a partir da qual a preocupação maior parece residir no levantamento de nomes de pioneiros do pensamento social amazônico, configurando assim um panteão de “intérpretes da Amazônia”.

Para o autor, mais interessante que inventariar o elenco de pensadores da Amazônia seria problematizar a própria ideia de Amazônia, assinalando sua evidente historicidade. O uso indiscriminado do termo pode levar ao entendimento equivocado de que há uma identidade amazônica que transcende o tempo e o espaço. Ora, se a narrativa de Arthur Reis é criticada por atribuir um senso heroico à empresa colonial (garantindo um legado civilizacional à região), o que dizer então dessa reminiscência romântica e nacionalista de uma “Amazônia una” ainda reverberando nas Ciências Sociais, preocupadas em dizer qual “intérprete” chegou mais perto da verdadeira essência regional?

Em suma, *Arthur César Ferreira Reis: trajetória intelectual e escrita da história* trata-se de uma pesquisa de fôlego (como demonstra o trabalho minucioso de levantamento de publicações do historiador arrolado ao final do livro) aliada a reflexões extremamente pertinentes tanto para historiadores quanto para os demais pesquisadores enquadrados no âmbito das Ciências Humanas.